

A SOLIDÃO DIONISIÁCA E SEU VALOR PROFILÁTICO NO CONTO “A SAUNA”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

DIONISIAC SOLITUDE AND ITS PROPILATIC VALUE IN THE TALE "A SAUNA", BY LYGIA FAGUNDES TELLES

Kelio Junior Santana Borges¹
Maria Zaira Turchi²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo explorar o tema da solidão em um dos contos da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles. A partir da narrativa “A sauna”, nossa análise buscará evidenciar de que modo a temática da solidão ali representada se aproxima intimamente daquela defendida pela intuição filosófica de Friedrich Nietzsche, segundo a qual, em vez de uma situação temida e evitada, o estar só pode ser, na realidade, uma escolha, constituindo uma condição para se alcançar uma visão dionisíaca do mundo. Considerando o rico tecido simbólico construído por Lygia Fagundes Telles, buscaremos evidenciar de que modo o caráter profilático da solidão nietzschiana pode no texto ser rastreado, realidade que relacionaremos à poética dionisíaca lygiana, fundamento de nossa pesquisa de doutoramento.

Palavras-chave: Imaginário. Poética dionisíaca. Solidão profilática. Nietzsche. Lygia Fagundes Telles.

Abstract: This work aims to explore the theme of solitude in one of the short stories of the Brazilian writer Lygia Fagundes Telles. From the narrative "A sauna", our analysis will seek to show how the theme of solitude represented here closely approximates that of Friedrich Nietzsche's philosophical intuition, according to which, instead of a dreaded and avoided situation, being alone can in fact be a choice, a condition for achieving a Dionysian view of the world. Considering the rich symbolic fabric constructed by Lygia Fagundes Telles, we will try to show how the prophylactic character of Nietzschean solitude can be traced in the text, a

¹Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES - Doutorado-Sanduiche, tendo desenvolvido estágio de pesquisa na Università degli Studi Roma Tre – Itália, participando como membro do projeto de pesquisa Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao Redor do Mundo – Relpmund (CNPq). Professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Goiás- Campus Aparecida de Goiânia.

²Professora Titular da Universidade Federal de Goiás. Graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal de Goiás e Doutora em Letras pela PUC/RS com Doutorado Sanduiche no Centre de Recherches Sur L’Imaginaire, Universidade de Grenoble/França.

reality that we will relate to the Dionysian poetic lygiana, the foundation of our doctoral research.

Keywords: Imaginary. Dionysiac poetics. Prophylactic solitude. Nietzsche. Lygia Fagundes Telles.

Introdução

“–Do meu quarto vi que você acordou tão cedinho. Pensei que precisasse de alguma coisa. –Preciso de solidão”. (TELLES, L. F. *As meninas*)

A obra literária de Lygia Fagundes Telles figura entre as mais abordadas por pesquisadores brasileiros vinculados a linhas de pesquisa do imaginário. O fundamento mítico do universo poético lygiano é frequentemente revisitado, rendendo novas e originais leituras sobre a escrita dessa mulher que é um dos nomes mais importantes da literatura escrita em Língua Portuguesa.

Participando desse rol de pesquisadores, em mais de um momento, nos debruçamos sobre a obra de Lygia Fagundes Telles, sempre nos voltando para o elemento mítico que atravessa sua produção ficcional, marcando-a de modo inquestionável. Numa de nossas abordagens, investigamos a insistência de símbolos e de valores relativos à imagem de Dioniso, figura mítica em função da qual acreditamos gravitar todo o fazer literário da escritora brasileira. Considerando essa posição de destaque concedida ao deus do vinho, investigamos diferentes lugares-comuns da obra lygiana, encontrando neles valores estéticos e culturais vinculados ao mito e ao rito dionisíacos, o que nos permitiu entender a obra dessa escritora como uma verdadeira “poética dionisíaca”³.

Na perspectiva em que lemos a obra de Lygia Fagundes Telles, entendemos suas criaturas fictícias como máscaras de Dioniso, ou seja, elas observam a vida através de uma lente dionisíaca. É assim – enquanto manifestações de força oposta às normas e regras apolíneas – que encontramos esses seres vivendo em meio à solidão e, graças a essa condição, podendo subverter o sentido das coisas, transvalorando⁴ as imposições de uma ordem apolínea.

³ Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, cujo resultado foi a Tese de doutoramento em Letras e Linguística intitulada *A poética dionisíaca de Lygia Fagundes Telles*, defendida no PPG da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em setembro de 2019.

⁴ Segundo a perspectiva nietzschiana, o conceito de “transvaloração de todos os valores” constitui no movimento de questionamento e de rompimento com os sentidos absolutos defendidos e propagados pelo pensamento racional que, em si, é de fundamentação apolínea.

Os seres fictícios criados por Lygia Fagundes Telles são, em sua grande maioria, indivíduos solitários, ou melhor, são representações de uma vivência solitária, dionisíaca em sua essência. Por meio deles, a escritora representa a solidão estrutural, entendida enquanto constituinte elementar de nossa condição humana.

Mesmo sendo facilmente identificada, essa essência solitária representada pelos seres lygianos é construída de maneiras diferenciadas, assumindo variados níveis de sentido e de intensidade. Isso acontece porque as personagens da ficção lygiana encontram-se sozinhas por motivos e razões, muitas vezes, bem distintas. Seguindo a perspectiva teórica por nós adotada, entendemos a representação intensa e plural dessas vivências solitárias como modo de ratificar o caráter universal – e trágico – de nossa natureza humana que, mesmo nos condicionando à vida em sociedade, não impede a solidão de nos arrebatar, vindo de diferentes fontes e razões.

O tema da solidão nos escritos de Lygia Fagundes Telles já foi investigado tanto em trabalhos de maior quanto de menor fôlego⁵. A perspectiva aqui proposta por nós se diferencia, porém, por não analisar a situação vivida pelas personagens, mas, em vez disso, investigar a origem dessa condição, ou melhor, sua essência. A nosso ver, nos textos da escritora, o sentido e as atmosferas ligados à solidão derivam de um projeto estilístico a marcar toda a obra da artista, perspectiva esta defendida em nossa pesquisa de doutoramento.

Para isso, recorreremos a uma interpretação mítica a partir da qual entendemos os indivíduos ficcionais lygianos como máscaras atualizadas de Dioniso, ou seja, as personagens criadas pela escritora são constituintes literários por meio dos quais se representa *uma visão dionisíaca do mundo*, conforme denunciado por suas vidas solitárias e pela sua relação com o mundo circundante.

Para esses seres dionisíacos a solidão não é algo a se temer e – em vez de depressiva e deprimente, digna de pena e promotora de inquietação – ela se torna fonte de força, de lucidez e até de alegria. No fundo de suas cavernas existenciais, esses indivíduos literários não se imobilizam, ao contrário, enchem-se de dinamismo para explorar o labirinto de nossa condição, desbravam nossos abismos mais escuros⁶. Em meio à escuridão e muitas vezes embriagadas, as

⁵ Cf: Os estudos de Ediliane Gonçalves, *Solidão e autoconhecimento na ficção de Lygia Fagundes Telles: a velhice na berlinda* (2012), e de Mabel Knust Pedra, *Sombras silenciosas: estranheza e solidão em Lygia Fagundes Telles e Edward Hopper* (2010)⁵, são alguns daqueles que discutem o tema.

⁶ Em especial, quando estão sob o efeito do álcool – neste caso, avatar do vinho, bebida dionisíaca –, quando se libertam de qualquer obstáculo moralizante.

personagens lygianas retomam traços da narrativa mítica de Dioniso, deus acostumado à vivência solitária.

Entretanto, tão importante quanto essa retomada de elementos do mito dionisíaco, é o fato de, por meio da representação desse estar só, Lygia Fagundes Telles propor outra perspectiva a partir da qual se avaliar a solidão dentro do mundo contemporâneo. Perspectiva esta representativa da consciência de mundo dionisíaca para a qual a solidão deve ser vivida de maneira diferenciada, tornando-se fonte de conhecimento para o indivíduo, alterando sua relação com o mundo e com os outros, dos quais precisou afastar-se para se isolar momentaneamente. Com isso, a solidão torna-se meio a partir do qual se afirma o viver.

Como norte teórico para a interpretação dessa aura dionisíaca, recorreremos à intuição filosófica de Friedrich Nietzsche⁷, pensador responsável pela introdução da imagem de Dioniso no pensamento ocidental moderno, entendendo-a como símbolo de conhecimento oposto àquele saber científico simbolizado por Apolo. Analisaremos o sentido dessa solidão, entendendo-a como contexto gerador de força criadora e criativa, importante e necessária para o viver bem. Para isso, estabeleceremos laços entre mitologia, filosofia e literatura, três campos, há muito, interligados, nos concedendo possibilidades ímpares de nos colocar diante dos mistérios de nossa condição.

Tanto na perspectiva nietzschiana quanto na obra da escritora brasileira, percebe-se a defesa do caráter fortalecedor da solidão. Tendo como objeto de estudo o conto “A sauna” (1977), evidenciaremos o caráter profilático da solidão na escrita de Lygia Fagundes Telles. Tanto no texto em estudo quanto em vários outros, as situações de solidão são entendidas como “momentos de limpeza”, situação em que as personagens, distantes dos outros e de suas vivências cotidianas habituais, têm a chance de se purificar das impurezas sociais apolíneas que lhes oprimem. Sendo assim, o “estar só”, em vez de temido, é desejado e supervalorizado por esses seres, pois trata-se de uma pausa dionisíaca. Mas, antes de iniciar nossa discussão, resta dizer que este estudo é, em si, uma abordagem modesta, considerando a dimensão do tema no universo poético dessa escritora.

Sobre a solidão e o sentido de estar só

⁷ Considerando o fato de não existir uma obra específica de Nietzsche acerca do tema, nos apoiaremos em textos e trechos de diferentes obras do pensador, além de também nos basear nas palavras de alguns de seus comentadores tanto nacionais quanto internacionais.

Independentemente de sua essência, situacional ou ontológica⁸, não “há dúvida de que em todas as épocas a solidão foi temida e as pessoas a ela procuraram fugir” (MAY, 2012, p. 26) e, no mundo atual, os indivíduos continuam se esquivando dela, mas de maneira mais dramática isso porque “em nossa época o medo da solidão é muito mais intenso e as defesas contra ele – diversões, atividades sociais e ‘amizades’ – são mais rígidas e compulsivas (MAY, 2012, p. 26).

Em seu livro *O homem à procura de si mesmo*, o psicólogo existencialista Rollo May (2012), ao discutir os traços e os impactos do estar só, salienta como o medo do isolamento contribui negativamente para que os indivíduos possam se encontrar e se descobrir. Baseando-se nas palavras de André Gide, ele afirma:

A solidão é uma ameaça não violenta e penosa para muitos que não possuem a concepção dos valores positivos do isolamento e até se assustam com a possibilidade de ficar sós. Muitos sofrem do “medo da solidão”, observa André Gide, “e assim absolutamente não se encontram”. (2012, p. 23)

Em decorrência desse caráter ameaçador com que a cultura avaliou o isolamento, a condição de “ser solitário” não só se tornou algo a ser temido como também se fez inaceitável, pois passou a denotar o fracasso do indivíduo que, por vontade própria, almeja ou consegue isolar-se: “É aceitável querer ficar só temporariamente, para ‘desligar-se de tudo’. E se alguém se mantém muito isolado, os outros têm tendência a achar que fracassou, pois para eles é inconcebível que uma pessoa fique sozinha por livre escolha” (MAY, 2012, p. 25).

Na contemporaneidade, tanto a arte quanto a ciência continuam ocupando-se da solidão, principalmente, por entenderem quão profundo é o impacto dela na vida dos indivíduos desse período, afinal eles vivenciam uma realidade peculiar, um “estar só” diferenciado, pois a “solidão, condição imanente ao homem, vem sendo vivenciada de uma maneira sofrida e profundamente aterrorizadora”, trata-se de um momento histórico que “tem apontado o fracasso no relacionamento entre seres humanos”(ANDRADE, 2006, p.83).

Na citação acima, ao defender a ideia do falimento de nossos elos sociais, Celana Cardoso Andrade (2006) evidencia opinião bastante comum no mundo contemporâneo, mas

⁸ Pelo fato de termos como base teórica a obra de Nietzsche, consideramos não ser necessária uma longa descrição histórica sobre o tema, até mesmo por não haver espaço suficiente para fazê-lo.

essa leitura pode ser entendida como parcial ou tendenciosa, estando influenciada pela concepção de mundo que supervalorizou os laços afetivos entre os indivíduos como único caminho rumo à “harmonia social” e que, desprezando as prerrogativas do isolamento, vinculou o conceito de solidão somente a valores negativos: “No reverso da solidão do homem moderno está seu grande temor de ficar só. Em nossa cultura costuma-se dizer ‘você anda solitário’, um modo de admitir que não é bom estar só” (MAY, 2012, p. 25).

Colocando em prática o perspectivismo nietzschiano, a visão expressa pelas palavras de Andrade representa “uma” das possibilidades de se interpretar a realidade concernente às relações no mundo atual. Se realmente vivemos o fracasso nos relacionamentos interpessoais, como defende a pesquisadora, um dos motivos seria o fato de não existir mais uma consciência coletiva como, por exemplo, aquela da Idade Média, quando o cristianismo ocidental criava a sensação de uma existência divina a zelar por todos os indivíduos. Como consequência da diversidade política e religiosa atuais, perderam-se antigos elos, vínculos outrora tão fortes e, em seu lugar, surgiram novas concepções de mundo que buscaram, pelo menos, amenizar os impactos da nova situação.

É preciso dizer, porém, que não apenas o sentimento religioso impulsionou os indivíduos a estabelecerem e fortalecerem os laços humanos. Dentro da era moderna, o pensar filosófico engendrou o mais significativo contributo à concepção sobre a importância dos vínculos sociais, isso se deu quando Immanuel Kant defendeu o cosmopolitismo como imposição e destinação do homem, afirmando que:

o Outro é a espécie, e é na direção dela que o Homem Esclarecido, o *Gelehrter*, figura que norteia nossas exigências éticas e epistemológicas desde a *Aufklärung*, deve seguir. Um movimento *sublime*: pois é na medida em que limita sua sensibilidade, que sai de si, em nome e no sentido de uma espécie imediatamente intangível, que o indivíduo pode enfim encontrar-se como *homem*. (BRITTO, 2012, p.252, grifos do autor)

Esse imperativo cultural em favor dos elos sociais é “uma posição muito bem definida na arquitetura da razão kantiana, e, portanto, no fundamento de nossa modernidade. No edifício crítico kantiano, a amizade é um dever, indispensável à *Bildung* cosmopolita, ou seja, à inscrição do indivíduo em sua espécie” (2012, p.253). No entanto, há quem se coloque na contramão dessa imposição, optando pelo isolamento voluntário de caráter temporário ou não. Como explica Fabiano L. Britto, condicionado a relacionar-se e dependendo disso para alcançar

o melhor de si, o indivíduo solitário é aquele que trai – de modo conscientemente ou não – essa espécie de pacto social (2012, p.253).

Mesmo impulsionados ao encontro com esse outro, há seres humanos solitários, verdadeiros traidores da ordem tradicional, eles anelam à solidão, fazendo dela morada temporária ou permanente. Além destes, há outros a quem não coube escolha, para eles, a solidão se impôs enquanto destino, como é o caso de indivíduos marginalizados socialmente. Por variados motivos, considerando diferentes aportes culturais – religião, moral, posição social, sexo, preceitos econômicos, moda, etc. –, as sociedades estabelecem hierarquias valorativas que, de um modo ou de outro, relegaram alguns de seus indivíduos a posições inferiores, criando, em relação a eles, certo distanciamento, submetendo-os ao isolamento forçado.

Escravos, mulheres, gays, deficientes físicos, negros e gordos compõem o grupo de pessoas que, historicamente, além da solidão ontológica, tiveram e ainda têm de suportar, por força de valores culturais, também o isolamento social, restringindo-se a ambientes regidos por sombras e escuridão, compondo um verdadeiro nicho de seres rejeitados. Ao optarem pela solidão ou ao serem renegados pelo sistema, os indivíduos solitários acabam se tornando estranhos, verdadeiros estrangeiros dentro de nossa cultura. No entanto, para eles, este “estar só” não constitui especificamente um “fracasso”, muitas vezes, é um princípio de autoproteção ou fortalecimento.

Embora considerada prejudicial ao ser humano, a condição de isolamento, pelo menos temporária, pode tornar-se experiência de enriquecimento e de afirmação do viver. Esse valor positivo da solidão está, de diferentes modos, presente na narrativa mítica de Dioniso que, tendo vivido parte de sua vida em meio às trevas e à escuridão, se fortaleceu até se fazer poderoso o bastante para iniciar sua trajetória por meio da qual impôs seu culto e rito por todos os lugares onde passou.

Da relação entre Zeus e Perséfone, segundo o sincretismo órfico-dionisíaco, nasceu o primeiro Dioniso, mais conhecido como Zagreu que, por ser o filho preferido, tinha como destino a sucessão do deus dos deuses no governo do mundo, o que não aconteceu, porém. Temendo o ciúme de sua esposa Hera, Zeus confiou-o aos cuidados de Apolo e dos Curetes, que o esconderam nas florestas do monte Parnaso (BRANDÃO, 1991, p. 286). Apesar de todo o cuidado tomado pelo pai cuidadoso, Dioniso acabou sendo descoberto e, com a ajuda dos Titãs, Hera conseguiu raptar e matar cruelmente a criança fruto da traição de seu esposo.

Como divindade imortal, Dioniso não morreu, ele renasceu de seu próprio coração. No mito, esse coração ainda palpitante foi salvo por Atená (Atena) ou Demeter, sendo engolido, em seguida, pela princesa Sêmele, o que a fez engravidar do segundo Dioniso⁹. Atenta a essa nova gravidez, Hera continuou com seus esforços para pôr fim à vida da segunda criança. Graças a uma artimanha, a esposa enciumada conseguiu enganar Sêmele, fazendo com que a princesa pedisse a Zeus para vê-lo em toda sua resplandecência divina.

Ao atender o pedido da amada, o supremo deus olímpico acabou sentenciando-a à morte e colocando em risco também a vida do bebê que, graças a uma atitude desesperada de Zeus, conseguiu ser salvo:

O palácio de Sêmele se incendiou e este morreu carbonizada. O feto, o futuro Dioniso, foi salvo por gesto dramático do pai dos deuses e dos homens: Zeus recolheu apressadamente do ventre da amante o fruto inacabado de seus amores e colocou-o em sua coxa, até que se completasse a gestação normal. (BRANDÃO, 1991, p. 288)

De novo, o grande Zeus, para proteger seu filho das constantes investidas de Hera, desta vez, entregou-o aos cuidados de ninfas e sátiros da ilha de Nisa. Distante de seus irmãos deuses, sem a presença de pai e de mãe, a criança foi criada em uma gruta sombria, convivendo apenas com seus cuidadores. Nesse ambiente de rarefeita luz e nessa atmosfera pouco dinâmica, o menino se deparou com os frutos dos quais obteve o suco usado para fazer o vinho. Graças a essa bebida, o deus menino e o seu culto se propagaram por todo o mundo grego.

Por meio do mito de Dioniso, percebe-se claramente o quanto a solidão pode inspirar e promover criação. Em meio às sombras, ele criou – referimo-nos à invenção do vinho – e, como consequência dessa criação, ele também levou dinamismo àquele lugar antes tão quieto. Entretanto o surgimento do vinho não trouxe apenas benefícios ao deus, na realidade, intensificou ainda mais sua solidão porque, em função da bebida, ele teve seu destino outra vez influenciado pelos desígnios de Hera que, ao saber da descoberta do vinho, encheu-se de ira e, mais uma vez, se revoltou contra o filho de Zeus e Sêmele, levando-o à loucura. Movido pelo delírio a que a madrasta lhe impusera, Dioniso começou uma andança incessante por regiões distantes para onde levou sua influência dionisíaca e sua bebida até ser purificado por Cibele.

⁹ Em uma das variações do mito, é Zeus quem engole o coração de Dioniso e, após esse ato, ele fecunda a jovem Sêmele, deixando-a grávida do segundo Dioniso.

Defensor e propagador dos valores dionisíacos, Friedrich Nietzsche foi um pensador que, de maneira muito particular, vivenciou e defendeu a experiência da solidão, considerando-a fonte de intensificação do viver, pois, como evidencia Scarlett Marton ao parafrasear o filósofo, “é só na solidão que se cria” (2000, p. 87). Mas é necessário explicar em que sentido o pensador defende o isolamento por ele mesmo vivenciado.

Conforme é defendido por Michele Bracco (2017), em seu estudo *Nietzsche e la solitudine*, essa tendência nietzschiana ao isolamento não deve ser interpretada como desdém em relação à companhia graciosa dos outros, “mas é como se a possibilidade de isolar-se do mundo no momento oportuno fosse a própria condição de ele se entregar aos outros”¹⁰ (BRACCO, 2017, p. 25). Afastamento momentâneo e voluntário, necessário para o refletir e para distanciar-se da influência má derivada do niilismo comum à cultura de seu tempo, esse era o objetivo do isolamento para Nietzsche. O pensador concedia à solidão tamanha importância a ponto de considerá-la como pertencente ao conjunto quartenário de virtudes importantes para se superar os impactos da cultura decadente, é o que ele expõe no aforismo 284, intitulado “Viver com uma imensa e orgulhosa calma; sempre além”, pertencente à obra *Além do bem e do mal*:

E continuar senhores de nossas quatro virtudes: coragem, perspicácia, simpatia, solidão. Pois a solidão é conosco uma virtude, enquanto sublime pendor e ímpeto para o asseio, que percebe como no contato entre as pessoas - "em sociedade" - as coisas se dão inevitavelmente sujas. Toda comunidade torna, de algum modo, alguma vez, em algum lugar – comum, vulgar. (2005, p. 173)

Nietzsche entende o exilar-se como único modo de experimentar/criar outras perspectivas com que interpretar a realidade circundante, para isso não é preciso apenas estar só, é preciso “limpar-se”, lutar contra aquilo que, dentro de si, ainda há de temporal, de atual, buscando seu oposto: “Ser inatural significa lutar contra aquela parte de si mesmo que há muito tem sido forjada, moldada e condicionada pelo tempo em que se viveu, para distanciar-se de si mesmo como filhos de uma época a ser repudiada como a pior das mães”¹¹ (BRACCO, 2017,

¹⁰ “ma è come se la possibilità di isolarsi dal mondo al momento opportuno fosse la condizione stessa del suo concedersi agli altri”. Todas as versões para o português, encontradas no corpo do trabalho, são de nossa autoria, são traduções livres pelas quais nos responsabilizamos.

¹¹“Essere inaturali significa lottare contro quella parte di sé che è stata a lungo forgiata, plasmata e condizionata dal tempo in cui si è vissuti, prendere le distanze da se stessi in quanto figli di un’epoca da rinnegare come la peggiore delle madri”.

p. 36). Isolado e “purificado” da consciência de mundo niilista, inicia-se o processo de metamorfose inerente à condição de ser solitário, ou de ser “inatural”¹²: “Tornar-se inatural, portanto, significa aprender a ficar sozinho, e estar sozinho significa aprender a aceitar uma transformação radical do próprio ser e, como se pode ler no Zaratustra, do próprio ‘coração’”¹³ (BRACCO, 2017, p. 38).

Tanto em sua biografia como em suas obras – em especial sob a máscara de Zaratustra, seu *alter ego* –, é notável como o tema da solidão mostra-se recorrente na vida de Nietzsche, experiência pessoal e temática da qual tanto o autor quanto a personagem dependem, pois “[é] na solidão que o autor se entrega às suas reflexões filosóficas; é nela que a personagem vê encher-se a sua taça de sabedoria”(MARTON, 2000, p.79).

Em *Ecce homo*, livro de caráter autobiográfico, o pensador evidencia sua necessidade de solidão ao dizer: “Mas tenho necessidade de solidão, quer dizer, recuperação, retorno a mim, respiração de ar livre, leve, alegre” (NIETZSCHE, 1995, p. 33), enquanto isso, em *Assim falou Zaratustra*, o ato de isolar-se constitui a primeira atitude tomada por parte do *alter ego* nietzschiano: “Aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas. Ali gozou do seu espírito e da sua solidão, e durante dez anos não se cansou” (NIETZSCHE, 2011, p.11).

Nietzsche não apenas viveu situações pessoais solitárias, como também se sentia isolado no campo do saber, em decorrência do fato de não se sentir compreendido pelos demais de sua época. Relacionada a esses dois campos, o social e o intelectual, a solidão nietzschiana foi retratada na personagem Zaratustra – o filósofo dionisíaco – que, depois de isolar-se e de adquirir maior sabedoria, regressa ao povo para, com ele, compartilhar o conhecimento alcançado.

Na vida e na obra desse pensador, a condição solitária, em vez de ser temida ou evitada, é um desejo, ela se revela como vontade, uma “vontade de poder estar só”. O filósofo ensina os indivíduos a buscá-la sem nenhum temor. O objetivo dessa atitude, porém, não é fazer o ser solitário evitar exatamente o contato com as outras pessoas, mas distanciar-se dos ideais

¹² O termo “inatural” é um neologismo que usamos para traduzir o que nas versões italianas foi denominado “inattuale”. Tentamos nos aproximar do termo italiano por estarmos usando um referencial teórico escrito naquela língua. Mas temos consciência de que, nas traduções para o português, os tradutores optaram por “extemporâneo” ou “intempestivo”, para designar o que está fora do tempo.

¹³ Diventare inattuali, dunque, significa imparare a *stare soli*, e *stare soli* significa imparare ad accettare una radicale trasformazione del proprio essere e, come si legge nello *Zarathustra*, del proprio ‘cuore’

culturais que contaminam a cultura moderna. Marton comenta o caráter preventivo dessa atitude:

Imprescindível para evitar o contágio dos ideais, indispensável para não deixar-se contaminar pela estupidez, a solidão assume caráter profilático. É ela que assegura a Nietzsche/ Zaratustra a limpidez do olhar com que investiga os seus contemporâneos; é ela que lhe garante a lisura do tato com que os examina. (2000, p. 80)

Nota-se quão particular é o sentido da solidão para Nietzsche/Zaratustra. Ambos compreendem o isolar-se como necessário, sendo uma exigência de caráter vital e intelectual, somente assim se alcança liberdade em relação ao contexto cultural decadente. O ser isolado, traidor da ordem cultural, anseia pelas prerrogativas possibilitadas pela condição solitária, ele não teme a treva e a escuridão, pelo contrário, vê nelas uma fonte de fortalecimento. Com esse isolamento, objetiva-se algo específico:

Na sua caverna e na sua montanha, Zaratustra não se restringe a apartar-se de seus contemporâneos; espera deles se distinguir. Não se limita a pôr-se à margem de sua época; quer dela se diferenciar. Na solidão, desfruta o silêncio, a água pura, o ar fresco, o alimento genuíno, a morada acolhedora; na solidão, encontra o seu lar. (MARTON, 2000, p. 86)

De caráter provisório, esse afastamento voluntário está condicionado à vontade que o indivíduo tem de dedicar-se a si mesmo, tentando alcançar um contexto em que possa empreender o aprofundamento de seu conhecimento sobre o viver, sobre si mesmo e sobre sua cultura, experimentando novas perspectivas que o enriqueçam.

Pondo-se à distância do que ocorre à sua volta, afastando-se do desenrolar dos acontecimentos, Nietzsche/ Zaratustra coloca-se a partir de outro ângulo de visão. Assume valores que contrastam com os dos homens de seu tempo; abraça perspectivas avaliadoras que se contrapõem às que eles adotam. (MARTON, 2000, p. 91)

Em ambos os contextos – no mítico e no filosófico –, em vez do definhamento ou da fraqueza, Nietzsche/Zaratustra encontram na solidão experiências revigorantes das quais o ser solitário depende para começar a criar ou para voltar a fazê-lo.

No tocante a essa experiência solitária, ressaltamos que ela não tem obviamente o mesmo valor para todos os seres. Como resultado do duelo de forças simbolizadas na dualidade apolíneo x dionisíaco, nem todo indivíduo estaria apto a vivenciar e suportar a experiência de solidão a ponto de encontrar nela fonte de impulsos criativos. Apenas aqueles em que a força dionisíaca se manifesta como dominadora, determinando a relação do indivíduo com o circundante a partir da “visão dionisíaca de mundo”, estariam aptos para tal empreitada.

Dioniso simboliza a força violenta e selvagem da vida, força esta que, em certos contextos, se protege isolando-se. Na tentativa de viver mais, ele luta contra as ameaças da vida, esquivando-se, ausentando-se temporariamente, comportamento comum no mundo animal. Na realidade, a solidão e o isolar-se são garantias de existência para muitos seres na natureza e, como eles, o indivíduo humano, para se proteger, também recorre a esse subterfúgio.

Para o Zaratustra nietzschiano, o isolamento não apenas possui caráter revigorante, é também curativo, ao qual se recorre para “restabelecer-se das próprias enfermidades” (MARTON, 2000, p. 87). Bem diferente de sua face ameaçadora, a condição solitária mostra-se benfazeja e idílica a ponto de, numa leitura de bases psicanalíticas, remeter-nos ao próprio útero materno, lar primordial da essência humana, o isolamento original:

Na sua caverna e na sua montanha, Zaratustra não se restringe a apartar-se de seus contemporâneos; espera deles se distinguir. Não se limita a pôr-se à margem de sua época; quer dela se diferenciar. Na solidão, desfruta o silêncio, a água pura, o ar fresco, o alimento genuíno, a morada acolhedora; na solidão, encontra o seu lar. (MARTON, 2000, p. 86)

Na perspectiva original nietzschiana acerca do tema, a solidão rompe com a idealização construída pela moral, e essa ruptura concede espaço de atuação para o indivíduo que, reabilitado com os impulsos vitais, pode retomar o pensar, o sentir e o querer outrora apagados em nome da implantação de um processo de negação do “eu”. Daí advém a importância do estar só, pois o isolamento concede “espaço” para se criar – entenda-se “criar novas perspectivas” – sem compromisso com os valores que subjugam a criação a regras estanques e inférteis.

Nossa leitura da obra lygiana, entendendo-a como uma poética dionisíaca, permite-nos defender a existência de atmosferas fictícias solitárias cujo valor se assemelha àquele identificado na vida e na obra de Nietzsche. Se nem todos os seres ficcionais lygianos podem criar nesse contexto de isolamento, a maioria deles tende a, pelo menos, não temer o contato com a escuridão e a treva, ao contrário, fazem o possível para alcançá-lo. Enquanto máscaras

dionisíacas, várias criaturas lygianas recorrem à solidão para se purificar, processo profilático promotor de fortalecimento. É o buscaremos exemplificar a partir da análise seguinte.

O caráter profilático da solidão

Nas narrativas de Lygia Fagundes Telles, tanto nos contos quanto nos romances, há seres solitários que voluntariamente optam pela solidão momentânea, ou seja, uma espécie de isolamento temporário, por meio do qual, essas personagens se “desintoxicam” dos pesos e pressões sociais. A título de exemplificação, exploraremos analiticamente apenas um dos textos da escritora, narrativa em que o caráter profilático e fortalecedor da solidão é notoriamente expresso a partir de uma rica teia simbólica, evidenciando o valor positivo do isolamento para o protagonista.

A narrativa “A sauna” faz parte da coletânea *Seminário dos ratos*, publicada originalmente em 1977. Apesar de constituir um dos mais densos textos escritos por Lygia Fagundes Telles, o conto em questão ainda permanece pouco explorado pelos pesquisadores acadêmicos dedicados ao estudo da obra lygiana. Tanto do ponto de vista estrutural quanto temático, o texto apresenta aspectos que constituiriam profícuas perspectivas de investigação, muitos delas elementos comuns à escrita da contista, porém exploradas de maneira particularíssima, denunciando o caráter sempre experimental de sua técnica narrativa.

Dentre as possibilidades de análise, optamos por uma concernente ao campo temático, voltando-nos especificamente para a solidão ali representada. A abordagem desse “estar só”, porém, não constitui a base principal da narração¹⁴, ou seja, não é a tônica central do texto. Na realidade, a atmosfera solitária é denunciada pelo plano imagético, na composição do tecido simbólico, expediente artístico amplamente explorado pela escritora em sua obra.

No texto, o valor profilático da solidão é simbolizado por um banho de sauna, do qual a personagem sairá completamente limpa. Essa narrativa atmosférica descreve o momento quando “um homem, na solidão da sauna, com mente diluída e fluida, vasculha seu passado” e, em meio a essa situação vaporosa, pouco nítida, “surtem mais interrogações e dúvidas do que

¹⁴ Conforme é exposto na obra *Dicionário de teoria da narrativa*, o termo “narração” é usado em diferentes acepções, o que lhe gera certa polissemia. No decorrer deste trabalho, usamos a palavra para definir o “processo de enunciação narrativa”, isto é, com essa palavra nos reportamos ao ato de narrar e não à narrativa em si, resultado desse ato.

fatos e descobertas. É ali, nesse ambiente nevoento, que a vida se esboça” (CASTELLO, 2009, p. 174).

Narrado em primeira pessoa, o texto é o relato de um homem a respeito de sua primeira visita a uma sauna masculina tradicional. Ao entrar naquele ambiente, buscando apenas certa atividade de “relaxamento físico”, a personagem acaba vivenciando uma experiência de complexa profundidade psicológica, espécie de intensa imersão em seu mundo interior, momento quando revisita seu passado, podendo avaliá-lo a partir de uma consciência atual e, em especial, distante do olhar e dos julgamentos alheios. Nesse ponto, ele se assemelha a Nietzsche/ Zaratustra, recorrendo ao isolamento temporário, para encontrar condições propícias para a observação e a avaliação de si e do outro, sem sofrer influência cultural moralizante sobre suas interpretações. Guardando distância do seu habitual contexto, o homem se purificava do contato com a má consciência que lhe impõe peso aos ombros.

Ao longo de vinte e oito páginas, numa narração marcada por constantes alternâncias de tempo, o protagonista faz uma análise de sua trajetória de artista, período durante o qual esteve ligado a diferentes mulheres das quais se aproveitou para conseguir chegar ao atual posto de pintor reconhecido. Derivam dessas relações amorosas os principais julgamentos a lhe causarem tamanho peso de consciência.

Apesar de não ser a tônica desse conto, a solidão da personagem principal é exposta de duas maneiras diferentes: na primeira delas, o próprio protagonista, enquanto baliza com os eventos do presente e do passado, assume sentir-se sozinho, principalmente, dentro de seu matrimônio. Já o segundo indício da sua condição solitária, como já dito, acontece via simbolismo, traduzido em imagens e circunstâncias nas quais se fazem projetadas as vivências internas do protagonista. Ao contrário da solidão matrimonial, a situação solitária em que ele se encontra dentro da sauna é fruto de um anseio do protagonista, isto é, ele voluntariamente buscou alcançá-la, entendendo-a como necessária.

Como é de costume no tecido literário lygiano, a narrativa se desenvolve mediante a sobreposição de dois planos narrativos – o primeiro concreto, preso às ações no presente, e o outro imaginário, fruto da memória ou de devaneio –, criando a impressão de um verdadeiro espelhamento entre ambos. O espelhamento é acionado quando, ao sentir o cheio da sauna, o protagonista é levado ao passado, lembrando o aroma de eucalipto que emanava do corpo e do mundo de infusões de sua antiga companheira, musa de um de seus primeiros trabalhos: “Eucalipto – esse, principalmente esse o perfume de Rosa e do seu mundo de infusões de plantas

silvestres, filtros verdolengos e boiões de vidro estagnados nas prateleiras. Esse o perfume verde-úmido que senti quando se debruçou na janela para posar” (TELLES, 2009, p. 49). Daí em diante, cada passo do que seria um habitual banho de sauna é relacionado a uma vivência ou experiência da vida pessoal da personagem, restos de passado, trazidos ao presente em recordações bem nítidas, mas ressignificadas, pois, avaliadas a partir de um novo prisma.

O mesmo acontece com as perguntas que, de praxe, são feitas pelo funcionário a todos os clientes do lugar. Diante dos questionamentos, o protagonista os relaciona aos frequentes interrogatórios feitos por Marina, sua atual esposa, ela representa “o outro eu do narrador, a sua consciência acusadora, exigindo dele a verdade acerca de cada detalhe de seu comportamento com Rosa” (SILVA, 2001, p. 153):

– O senhor está com seu peso normal?
No inferno deve ter um círculo a mais, o dos perguntadores fazendo suas perguntinhas, seu nome? sua idade? massagem ou ducha? fogueira ou forca? sem parar. Sem parar. Marina também já fez muita pergunta mas agora deu de ficar me olhando. Tempo de perguntar e tempo de olhar, e esse olhar soma, subtrai e soma de novo, ela é excelente em contas. (2009, p.50)

Enquanto está naquela sauna, a personagem se desvincula do cotidiano dentro do qual vem sofrendo com as constantes pressões tanto da esposa quanto de si mesmo. Da condição de aspirante a artista até a posição privilegiada de pintor renomado, ele tem consciência de ter trilhado caminho marcado por decisões e atitudes questionáveis, várias delas com impacto direto sobre a vida de outras pessoas, em especial, na vida das mulheres com quem se relacionou no decorrer desse trajeto. Ao contrário do que acontecia antes de se casar – quando ele não tinha sobre si o peso dos julgamentos alheios –, depois de casado com Marina, ele passou a sentir o impacto do juízo dos outros, ele vê a esposa como a porta-voz da moral sempre atenta: “Marina, meu juiz” (2009, p. 61).

Nos diálogos travados entre ele e Marina, são constantes as perguntas sobre o passado do artista ao lado de sua antiga companheira Rosa, a quem ele abandonou grávida e em situação precária quando foi para o exterior fazer um curso de pintura. Diante das perguntas sobre Rosa e sobre as atitudes em relação à antiga companheira, o homem parece sentir-se pressionado, sofrendo o peso do julgamento trazido no bojo das investidas de Marina: “Desviei a cara porque senti que estava escurecendo de ódio. Agora ia satisfeita, reconfortada com a certeza de que eu seguiria minhocando, envenenado. *Sozinho*” (2009, p. 54, grifo nosso). Enquanto conversa com o marido, tentando conhecer melhor o passado dele ao lado da outra mulher, Marina “envenena”

a consciência do homem, incentivando-o a avaliar seus próprios atos e, com isso, ela consegue submetê-lo ao peso de avaliações morais: “Marina quer que eu me sinta um egoísta. Um interesseiro, um egoísta. É preciso se conhecer, enfrentar sua verdade, repetiu várias vezes nas nossas discussões” (2009, p.54).

Entretanto, é preciso relativizar o peso das palavras da atual esposa, pois elas possuem duplo valor no enredo. Se, por um lado, são elas que envenenam a consciência do marido, por outro, elas mesmas indicam o caminho a ser seguido para alcançar o antídoto contra o envenenamento, já que vem de Marina o conselho para buscar o isolamento:

Ficar sozinho mesmo, você aconselha. Mas não sou boa companhia, você sabe, quando fico assim quieto a onda trevosa começa a subir lá dentro, miasmas de lembranças que nem têm mais forma de tão comprimidas, não distingo caras, palavras, mas só treva grudenta invadindo os vãos, as brechas. (2009, p.74, grifo nosso)

Ela o orienta a buscar isolamento, a experimentar solidão diferente daquela que ele já vive dentro do casamento. O protagonista, em momentos diferentes do texto, afirma sentir-se solitário em seu matrimônio, pois, além de não existir amor entre marido e mulher, Marina agora dedica seu tempo apenas às causas feministas. A certa altura do conto, o homem declara sentir falta do amor que a esposa tinha por ele e pelo seu trabalho:

Queria muito ver esse retrato – ela disse voltando a ler sua tese, está sempre às voltas com teses, entesada na própria ou na de alguma intelectual do núcleo, ô! a solidão. A solidão que vem e me toma no seu bico e me larga em seguida, despenco sem ter onde me segurar, nada, ninguém. No começo, ela se interessava pelo meu trabalho. Depois foi se distanciando cada vez mais. (2009, p.56, grifo nosso)

Mas a solidão recomendada pela atual companheira é de outra ordem, não se trata daquela desencadeada pela morte ou pelo esfriamento do amor. O homem deveria ter um momento consigo mesmo, sem máscaras, numa situação em que pudesse, distante das pressões sociais, avaliar-se a partir de outras perspectivas. Para conseguir tal momento de encontro consigo mesmo, a personagem vai à sauna, onde espera desnudar-se e o faz no duplo sentido, como fica sugerido pela imagem em que aparece se observando despido diante do espelho: “Guardo a roupa no armário. Calço os chinelos. Antes de vestir o roupão enfrento o espelho inteiro e nu” (2009, p.63).

Além da limpeza do corpo, o homem deseja a limpeza de sua consciência, somente assim poderia livrar-se dos pesos morais que carrega consigo. Ele precisa, para isso, distanciar-

se do meio social, cujo olhar observador o avalia numa situação semelhante àquela bíblica, quando o olhar de Deus pesou sobre Adão, levando-o a reconhecer seu pecado e a se envergonhar de seu crime, espécie de “sujeira” interna. Uma vez dentro da sauna, o pintor teve consciência de que, entrando naquele lugar e começando suas reflexões, já havia se iniciado o processo de “desintoxicação” almejado: “Fico sabendo que estou com três quilos a mais. Uma parte desses três quilos o senhor vai perder daqui a pouco, ele anuncia e respondo que já estou perdendo, a sauna começou na entrada” (2009, p.69).

Enquanto se prepara para o banho, ele segue as ordens do funcionário da sauna com quem estabelece um diálogo fútil, objetivando apenas não parecer mal-educado. No intento de distanciar-se, ele compromete-se apenas com manter as aparências acerca dos elos sociais. Dando continuidade ao espelhamento de planos, em alguns momentos, o protagonista pensa alto e deixa escapar uma frase ou outra, fazendo o rapaz dar algumas respostas, acreditando terem sido dirigidas a ele aquelas palavras.

O processo de autoconhecimento se inicia quando, retomando uma das conversas com Marina, a personagem principal relembra certa acusação da esposa, algo bastante injusto em sua visão. Considerando o fato de ele ter se aproveitado de outras pessoas para chegar ao estrelato, Marina lhe acusa de não saber amar: “Acho que você nunca amou ninguém a não ser você mesmo, ela disse apertando as palmas das mãos contra os olhos. Amei você – quis dizer e não tive forças” (2009, p.68).

O pintor sabe não serem de todo mentirosas as palavras da mulher, porém, por se encontrar na atual situação de isolamento, sendo-lhe permitido visitar o mais íntimo de si mesmo, ele não apenas reconhece a veracidade delas, como também revela algo que nunca antes teria sido capaz de assumir para os outros ou para si mesmo: “Nunca amei ninguém a não ser a mim mesmo? Mas se também não me amo, você sabe que vivo fugindo de mim. Ou não?” (2009, p.68).

Depois de fazer tudo o que lhe fora orientado, ele fica pronto e entra na sala esfumaçada. Percebe a presença de outra pessoa e, na iminência de o homem que ali se encontra dirigir-lhe algumas palavras, toma o cuidado de se distanciar, evitando dar espaço para qualquer possibilidade de comunicação:

Procuo me sentar a uma certa distância, que o gordo não cisme de enredar conversa. Mas ele também quer sossego, porque as energias aqui são todas canalizadas no suor. Estamos imóveis, só o suor ocorre veloz formando

pequenas poças nos bancos. No chão. Poças isoladas umas das outras como ilhas. (2009, p.71)

Sem se preocupar com a presença do outro homem na sala, ele se entrega ao choro, liberando, naquelas lágrimas e no suor, todas as impurezas trazidas consigo. Ele está se desfazendo de todo o peso carregado há anos: “As lágrimas escorrem e se misturam ao suor que me inunda a boca, estou chorando como nunca chorei e quero chorar mais, suar mais, verter tudo nesta porra de sauna, e minha mãe?... Estou banhado em lágrimas” (2009, p.73-74). A dualidade de planos com que, desde o início, a narrativa conciliava presente e passado se desfaz, pois, na conjunção dos dois líquidos – lágrimas e suor –, representa-se a junção dos dois processos de purificação, o duplo valor de profilaxia: a do corpo e a da consciência.

Quando o funcionário da sauna vem para levar consigo o outro homem com quem dividia a sala, a personagem já tem o choro controlado: “Fecha a porta. Me descobro. As lágrimas correm mais espaçadamente, revigoradas em seu trajeto pelas veredas de suor” (2009, p.74). Completamente sozinho e agora recomposto, o homem intensifica a atmosfera de solidão quando, por sua própria vontade, procura o silêncio, outro princípio dionisíaco inerente à condição solitária de caráter profilático, contexto em que, sem os ruídos sociais, as máscaras apolíneas se desfazem: “e no silêncio, sem mentira, sem disfarce, ir se desvencilhando das camadas e camadas que se acumularam – as horas nuas, foi um livro? Um filme? Deixar ir caindo o que não for verdadeiro. Mas será que eu posso fazer essa seleção, eu?!” (2009, p.74). Mergulhado nessa aura solitária e silenciosa, o homem entrega-se à imobilidade, ele tem consciência do risco que corre, ele conhece o substrato infeliz daquele contexto, mas, como indivíduo trágico, ele não teme essa descida aos infernos, pelo contrário, faz dela condição necessária para a afirmação da vida.

Se a felicidade está no movimento, permaneço imóvel, podre de infeliz e imóvel até escorrer a camada final. Lá bem no centro, como num furacão, tem uma zona de trégua. Calma. Respiro melhor, está passando. A angústia da agonia está passando. Coordenar a respiração até que o ar consiga varar o funil obstruído, soprar o coração ainda assustado, me comovo com meu coração que treme como um pequeno pássaro, com medo daquele outro, enorme, que me arrebatou há pouco. (2009, p.75)

Ao final do tempo estabelecido, a porta da sala esfumada foi aberta e o empregado do estabelecimento perguntou ao pintor se já era o suficiente. O questionamento, não fugindo ao estilo ambíguo da linguagem lygiana, tem duplo valor, podendo significar se era suficiente o

tempo gasto com o banho ou se era suficiente a imersão reflexiva acerca do passado, período este do qual a personagem desejava expurgar-se. De imediato, o homem não responde com palavras, mas internamente está cômico de ter alcançado seu objetivo. Em seus pensamentos, ele dirige certas palavras a Marina e nelas fica explícita sua nova consciência ou estado de espírito. Quando o rapaz o questiona pela segunda vez, o protagonista então responde, deixando clara sua nova condição, demonstrando estar liberto da “sujeira” moral do passado.

Aproxima-se para me ver melhor. Tenho vontade de rir: já devo ter me derretido inteiro, as manchas azuis dos meus olhos boiando lá adiante, na correnteza – ô!, Marina. Você também está sorrindo, tem razão, tantas vezes prometi exatamente essas mesmas coisas, tantos projetos. Fidelidade. Disciplina e solidão – lembra? Verdadeiros delírios de intenções, palavras. Não tem o futuro, não vamos falar em futuro que isso não existe. Só tem agora. Agora. Respondo só por agora.

– Então? – pergunta o funcionário enquanto me conduz de volta. Sorrio para os seus pés enormes e comunico que estou um tanto enfraquecido, *mas limpo*. (2009, p.78, grifo nosso)

Na fala final da personagem, fica evidente o caráter transformador daquela experiência, ou seja, o homem não é mais o mesmo que entrou naquela sauna horas antes. Nesse isolamento temporário, ele vivenciou verdadeira transformação ou, como define Vera Maria Tietzmann Silva, ele passou por uma metamorfose comportamental. Também analisando o texto numa vertente mítica, a pesquisadora especialista na obra lygiana, afirma o seguinte acerca do sentido simbólico do banho de sauna e de seu impacto sobre a personagem:

O ritual da purificação, representado pela limpeza corporal que o banho de vapor efetua, visa a reconciliar o narrador com seu lado noturno, ou seja, com a culpa relativa à perda do paraíso, visa a livrá-lo do sentimento de culpa através da conscientização de sua degradação anterior. (SILVA, 2001, p. 153)

A leitura empreendida por Silva, apesar de seguir outro norte teórico, vai em direção à nossa, corroborando o caráter transformador e fortificante desse banho tão significativo, cujo objetivo é, realmente, limpar os pesos e culpas sociais carregados pelo homem.

Em seu processo de transformação e de fortalecimento, essa personagem lygiana presentifica valores dionisíacos, simbolizando uma perspectiva diferenciada em relação às vertentes do cotidiano social reconhecidamente apolíneo. Neste e em muitos outros contextos da obra lygiana, o dionisíaco se impõe como caminho alternativo de relação com o mundo, numa proposta que se opõe diametralmente à concepção apolínea. No fluxo dessa

transvaloração de todos os valores, a solidão é discutida, sendo ressignificada e, por isso, assumindo valor tão diferenciado. Em vez de enfraquecedora, ela se faz fonte de fortalecimento com que se promove a intensificação do viver.

A título de conclusão

Explorar o íntimo de nossa essência humana constitui a pedra fundamental da escrita de Lygia Fagundes Telles. Nos enredos elaborados pela escritora, a paixão sofrida e inexorável da existência humana é expressa por um requintado trabalho estético concedido à linguagem e ao uso de imagens simbólicas, expedientes com os quais ela também representa a solidão humana.

Como já investigado por parte significativa da fortuna crítica sobre a obra lygiana, a solidão é uma constante nos enredos criados pela escritora. Em face das inúmeras personagens solitárias e das insistentes atmosferas de solidão, vários outros de seus escritos poderiam ser aqui analisados. Entretanto, na impossibilidade de uma abordagem tão ampla – e almejando comprovar a ocorrência do valor profilático e não de sua constância na obra da escritora –, optamos pela análise de apenas uma narrativa, pois nela o aspecto em estudo se mostra mais evidente, aproximando-se daquele valor de solidão defendido pela intuição nietzschiana.

Ao nos debruçarmos sobre a temática da solidão, a exploramos numa perspectiva mítico-filosófica, discutindo o tema a partir de outro viés, relacionando a ele valor distante do sentido tradicionalmente vinculado à solidão na cultura moderna. Em sua poética dionisíaca – na qual suas criaturas fictícias simbolizam vivências e experiências representativas da visão dionisíaca do mundo –, Lygia Fagundes Telles tematiza o “estar só” que, independentemente de seu caráter profilático, é, em geral, uma situação promotora de fortalecimento para os indivíduos lygianos.

Na análise de “A sauna”, buscamos demonstrar como o valor profilático é ali percebido e como ele contribui para o princípio dionisíaco que acreditamos ser um dos pilares da escrita de Lygia Fagundes Telles. Recorremos à concepção filosófica de Friedrich Nietzsche porque tanto a escritora quanto o filósofo exploram a imagem de Dioniso como símbolo a traduzir valores culturais de grande densidade acerca da vida e do viver. Na narrativa mítica desse deus, mais do que dor e sofrimento, a solidão pode ser entendida como promotora de poder/força já que garante a sobrevivência do deus e seu fortalecimento, traços estes defendidos pelo filósofo e representados nos personagens da escritora.

Referências

- ANDRADE, Celana Cardoso. A solidão na contemporaneidade. In: **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, vol. XII, n. 1, junho, 2006, pp. 83-91.
- BRACCO, Michele. **Nietzsche e la solitudine**: il destino di un inattuale. Stilo Editrice: Modugno, BA, 2017.
- BRANDÃO. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, v. 1.
- BRITTO, Fabiano de Lemos. Uma pedagogia da solidão em Nietzsche. In: **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 26, n. 51, p. 251-262, jan./jun. 2012. p.251-262.
- CASTELLO, José. Lygia na penumbra. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.169-175.
- MARTON, Scarlett. Silêncio, solidão. In: **Cadernos Nietzsche** 9, p. 79-105, 2000.
- MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Tradução Aurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Vozes de bolso)
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Assim falou Zaratustra**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2011.
- REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. **A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles**. 2. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2001.
- TELLES, Lygia Fagundes Telles. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

K. J. S. Borges
M. Z. Turchi

A solidão dionisíaca e seu valor profilático no conto “sauna”, de Lygia Fagundes Telles

Artigo recebido em: 19.04.2020

Artigo aceito para publicar em: 17.05.2020